

# NOTAS SOBRE O DECLÍNIO DA NARRATIVA A PARTIR DE BENJAMIN E LARROSA

Alessandra Aparecida Campos<sup>1</sup>

Edaniele Cristine Machado do Nascimento<sup>2</sup>

Simone Cristine Vanzuita<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, Graduada em Direito pela Faculdade da Indústria, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e mestranda em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Centro Oeste – Unicentro. Mestre em Educação pela mesma instituição e doutoranda em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná.

<sup>3</sup> Graduada em Artes Visuais pela Universidade Tuiuti do Paraná. Especialista em Tecnologias aplicadas à Educação pela Faculdades Integradas Espírita e Educação Especial e Inclusão pela Faculdade de Pinhais. Mestranda em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná.

# NOTAS SOBRE O DECLÍNIO DA NARRATIVA A PARTIR DE BENJAMIN E LARROSA

---

## RESUMO

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre a mudança estrutural da comunicação na sociedade atual a partir das contribuições dos teóricos Walter Benjamin e Jorge Larrosa. Os dois autores em seus textos apresentam uma visão acerca do declínio e da imprevisibilidade da experiência, seja pela escassez das narrativas como aponta Benjamin ou pela transformação constante e acelerada das mídias e pelo modo de vida na sociedade contemporânea como indica Larrosa. Questões estas que nos instigam e nos apontam a educação como possibilidade de reversão da perda da experiência, sentido e interpretação crítica das informações midiáticas.

## Palavras-chave

Narrativa; Comunicação; Experiência; Educação.

# NOTAS SOBRE O DECLÍNIO DA NARRATIVA A PARTIR DE BENJAMIN E LARROSA

---

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo fazer um contraponto entre dois autores que abordam aspectos importantes da modernidade, entre os quais citamos a mudança estrutural da comunicação. Independentemente do grau de consciência sobre a forma de comunicação e informação e seus reflexos, não há como desconsiderar uma certa inquietude e ansiedade diante de tantas mudanças. Esta questão, mais recentemente discutida a partir de inovações tecnológicas, não se limita a elas.

Há muito mais sobre comunicação e informação a ser refletido do que o aparato tecnológico e a partir desta provocação, este artigo pretende refletir sobre a transformação da narrativa e da experiência em comunicação e informação na sociedade contemporânea, a partir das contribuições dos teóricos Walter Benjamin e Jorge Larrosa<sup>1</sup> e a relação das ideias entre estes autores.

Da obra de Jorge Larrosa destacamos o texto “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, publicado<sup>2</sup> no livro *Tremores: cinco ensaios sobre a experiência*, ensaios que tratam do pensamento e da linguagem e suas relações.

Além da sua retórica e sensibilidade crítica, Larrosa aproxima a temática à visão de Walter Benjamin, como será apresentado na sequência. Os dois autores em seus textos apresentam uma visão acerca do declínio e da imprevisibilidade da experiência, seja pela escassez das narrativas como aponta Benjamin ou pela transformação constante e acelerada das mídias e pelo modo de vida na sociedade contemporânea como indica Larrosa.

A aproximação entre os autores se dá pelo texto “O narrador” de Walter Benjamin<sup>3</sup>, ensaio

---

<sup>1</sup> Jorge Larrosa é Professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona, licenciado em pedagogia e em filosofia, doutor em Pedagogia e realizou estudos de pós-doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Londres e no Centro Michel Foucault da Sorbonne, em Paris. Sua formação permite a articulação de temas da filosofia, educação e arte, especialmente, a literatura, artes cênicas e artes plásticas, resultando em importante publicação.

<sup>2</sup> Escrito para o I Seminário Internacional de Educação de Campinas e publicado na Revista Brasileira de Educação, n.19, jan-abr 2002, Anped.

<sup>3</sup> Filósofo alemão que viveu entre 1892 e 1940 foi ensaísta, crítico literário, com um pensamento político articulado com a filosofia e a história, a partir de reflexões do cenário político e econômico da Alemanha das primeiras décadas do século XX.

## NOTAS SOBRE O DECLÍNIO DA NARRATIVA A PARTIR DE BENJAMIN E LARROSA

---

que faz uma análise da mudança da experiência a partir dos impactos dos modos de produção sobre as formas de comunicação. O fim da experiência histórica, o corte entre o modo de produção artesanal e a nova sociedade industrial, a mudança estrutural da sociedade, traduziu-se na perda dos elos com a tradição, cuja expressão maior foi a perda da narrativa épica, a mudança nas formas de comunicação.

Larrosa, por sua vez, aponta quatro fatores que contribuem, como disse Walter Benjamin, para “a pobreza da experiência”: o primeiro fator está relacionado ao excesso de informação. As informações que nos rodeiam a todo instante são proporcionadas por imagens, mensagens e informações geradas por diferentes meios como outdoors, televisão, jornais, revistas, internet, telefone entre outros. Mas o fato de vivermos num mundo altamente informado estas informações nos tornam pessoas mais críticas, reflexivas, que analisam de forma consciente as informações que nos são apresentadas e a sociedade a qual estamos inseridos? Segundo Larrosa:

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez está mais bem informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça (LARROSA, 2017, p. 19).

Benjamin parece antecipar, nos seus escritos, o que veio posteriormente com a saturação de informações: guardamos fragmentos, pequenas passagens daquela informação recebida, agregando somente o que se destaca. Larrosa retoma este aspecto para mostrar como a mídia cumpre sua tarefa como ninguém para nos levar a refletir somente o que convém aos seus interesses, manipulando e persuadindo, dando destaque a trechos, informações fragmentadas e imagens descontextualizadas.

E esse imediatismo em se informar, nos leva a informações sem o intuito da aprendizagem, mas pelo simples fato de nos manter informado, que muitas vezes são diluídas sem reflexão e sem a experimentação “a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (LARROSA, 2017).

## NOTAS SOBRE O DECLÍNIO DA NARRATIVA A PARTIR DE BENJAMIN E LARROSA

---

No texto “O Narrador”, Walter Benjamin (1985) nos faz refletir sobre a transformação da comunicação no mundo moderno do trabalho, no qual a narrativa, a partir do desenvolvimento da imprensa, foi substituída pela informação, com implicações na vida social e cultural dos sujeitos, seja na perda da memória que da experiência. “A extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendida se levarmos em conta a interpenetração de dois tipos arcaicos: o marinheiro e o comerciante”. E, se “os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram” (BENJAMIN, 1985, p. 199).

Na base desta transformação, a passagem da sociedade artesanal para a sociedade industrial, a explosão dos grandes centros urbanos, as novas formas de comunicação de massa iniciadas pela imprensa, as mudanças da percepção do mundo pelos sujeitos nas suas relações.

A relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – é ela própria uma relação artesanal, sua tarefa é transformar a matéria prima da experiência em produto sólido, útil e único, comunicável de pessoa a pessoa.

Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios, como quem guarda o acervo de toda uma vida. Seu dom era poder contar sua vida (sua experiência), sua dignidade era contá-la inteira. O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo.

Na sociedade moderna ressalta um avanço tecnológico e o enfraquecimento da narrativa. A inserção de novas tecnologias no sistema de informações resulta no segundo fator destacado por Larrosa, o qual acentua que a experiência se encontra cada vez mais rara pelo “excesso de opinião”. Pautado neste cenário Larrosa nos aponta que:

O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. [...] E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresente, sente-se falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem de ter uma opinião. Depois da informação,

# NOTAS SOBRE O DECLÍNIO DA NARRATIVA A PARTIR DE BENJAMIN E LARROSA

---

vem à opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça (LARROSA, 2017, p. 20).

As observações de Larrosa podem ser entendidas como a afirmação da vivência individual e solitária do homem moderno. Em Benjamin, por outro lado, a perda da experiência se traduz na morte da narrativa, pois surgem outras formas de comunicação, como o romance, cuja difusão só se torna possível com a invenção da imprensa. A tradição oral, patrimônio da poesia épica, fruto de uma relação de pertencimento social, tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance. A origem do romance e sua consolidação como forma literária tem como pressuposto o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. “O romance, cujos primórdios remontam à Antiguidade, precisou de centenas de anos para encontrar, na burguesia ascendente, os elementos favoráveis ao seu florescimento” (BENJAMIN, 1985, p. 202). Tais elementos são o individualismo resultante das mudanças estruturais do modo de produção e da vida, tornando o romance uma produção individual para um leitor individual.

Dessa maneira, o autor observa que quando esses elementos surgiram, a narrativa começou pouco a pouco a desaparecer e por outro lado, com a consolidação da burguesia, a imprensa, no desenvolvimento do capitalismo, tornou-se um dos instrumentos mais importantes para a comunicação na sua nova forma: a informação. Esta possibilita uma verificação imediata, pois, a cada manhã recebemos notícias de todo o mundo, porém, somos pobres em histórias surpreendentes, em experiência.

Diferente da informação, na narrativa o leitor é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. Nesse processo, observa Benjamin, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. “[...] Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido”. A narrativa se

# NOTAS SOBRE O DECLÍNIO DA NARRATIVA A PARTIR DE BENJAMIN E LARROSA

---

fia e se tece, mas também se saboreia, de tal modo que se tenta contar novamente. Mas este contar e recontar segue o ritmo do trabalho do artesão, sendo a arte de contar também ela uma “forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 1985, p. 205).

Este tema nos remete ao início do texto *Experiência e pobreza*, no qual Benjamin (1985) disserta sobre os impactos da perda da capacidade de contar histórias e de transmitir ensinamentos pelas experiências, ocasionando uma desvalorização e um empobrecimento das experiências e dos vínculos das gerações e das tradições.

Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca. Não, o fenômeno não é estranho. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano (BENJAMIM, 1985, p. 113).

Pobreza de experiência: os soldados voltam silenciosos dos campos de batalha! Nunca sabemos dos horrores que viveram, porque são indizíveis. E estavam lá para defender outros interesses que não eram os seus nem o de seus companheiros. O silêncio, enquanto nega a narrativa do absurdo, também mostra a falta de elos comunitários, a falta de vínculos com a tradição, a ausência de um porto onde ancorar, a vivência de fatos que não podem ser incorporados às nossas histórias e tradições, o que reflete uma falta de valor.

Benjamim destaca a importância da tradição como fonte de saber e a importância da valori-

# NOTAS SOBRE O DECLÍNIO DA NARRATIVA A PARTIR DE BENJAMIN E LARROSA

---

zação das experiências como forma de transmissão do saber entre as gerações. A tradição contempla as experiências significativas que caracterizam as relações sociais e os aprendizados de um determinado espaço em um determinado tempo.

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes, podemos afirmar o oposto: eles “devoraram” tudo, a “cultura” e os “homens”, e ficaram saciados e exaustos (BENJAMIM, 1985, pag. 118).

A pobreza se vincula ao fenômeno da guerra, dos seus interesses ocultos, que não são humanos. À guerra se vincula o desenvolvimento de novas tecnologias aplicadas à guerra. “Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem” (BENJAMIN, 1985, p. 115). A pobreza se encontra em não reconhecer os rastros do passado no presente, os elos com a tradição. E não é falta de conhecimento, mas excesso de informação. Larrosa menciona Benjamin apontando a questão do “periodismo” como o grande dispositivo moderno para a destruição generalizada da experiência. O periodismo se tratando de uma união entre informação e opinião, mas uma união maléfica. Sobre o conceito de periodismo o autor destaca:

[...] a fabricação da informação e a fabricação da opinião. E quando a informação e a opinião se sacralizam, quando ocupam todo o espaço do acontecer, então o sujeito individual não é outra coisa que o suporte informado da opinião individual, e o sujeito coletivo, esse que terei de fazer a história segundo os velhos marxistas, não é outra coisa que o suporte informado da opinião pública. Quer dizer, um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião, um sujeito incapaz de experiência é algo mais profundo e mais geral do que aquilo que derivaria do efeito dos meios de comunicação de massas sobre a conformação de nossas consciências (LARROSA, 2017, p. 21).

A comunicação em massas tem uma grande influência e muitas vezes leva a formar opiniões rasas e mesmo equivocadas. Tem-se um anseio de informações a todo custo, sem que haja preocupação com a veracidade das notícias transmitidas pela mídia, tudo nos dias atuais nos é apresentado



## NOTAS SOBRE O DECLÍNIO DA NARRATIVA A PARTIR DE BENJAMIN E LARROSA

---

de forma demasiadamente rápida e fugaz.

E neste sentido destacamos o terceiro ponto trazido por Larrosa, sobre a experiência cada vez mais rara pelo “fator tempo”. Ele nos aponta que o mundo moderno é caracterizado pela velocidade e pela obsessão da novidade, o que impede a conexão significativa entre acontecimentos e a memória, pelo simples fato de um acontecimento ser facilmente substituído por outro. Este sujeito presente na modernidade além de estar extremamente informado e opinar, também se apresenta como um consumidor sedento por notícias e novidades. “Por isso, a velocidade e o que ela provoca pela falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência” (LARROSA, 2017, p. 22).

Benjamin (1985) nos mostra como o tempo histórico é transformado no modo de produção capitalista. Neste sistema o tempo passa a ser o tempo mecânico do trabalho e, toda relação com a experiência é também modificada. A memória do sujeito agora é construída pelo tempo repetitivo do trabalho mecânico. Esse tempo fragmentado alterou a narrativa e com isso a percepção de mundo do trabalhador, que passou a ser regulada pelas horas de trabalho na fábrica, das quais nem mesmo o tempo livre permite a fruição da vida pela arte, literatura, etc., pois o tempo livre, ou seja, o lazer é também regulado para a reposição da força de trabalho.

Nesta sociedade da divisão do trabalho, onde o tempo é definido pelo espaço e pelo modo de produção, a literatura não tem mais o mesmo valor que na sociedade medieval tinha o conto de fadas. “O Narrador” mostra essa fusão entre os dois mundos ao trabalhar com a ruptura da sociedade medieval para a moderna, da produção artesanal, camponesa, para a produção industrial, burguesa, ou seja, a narrativa se transforma em informação. Neste movimento, a linguagem e a escrita perdem a sua dimensão mágica, ou seja, o “meio em que as coisas se encontram e se relacionam”, no reconhecimento das semelhanças, traduzido nos elos de pertencimento com a comunidade e a história (BENJAMIN, 1985, p. 112).

Desse apontamento é possível compreender a intenção de Benjamin em propor que a

## NOTAS SOBRE O DECLÍNIO DA NARRATIVA A PARTIR DE BENJAMIN E LARROSA

---

narrativa mostre que tudo deve ser entendido dentro de um contexto histórico. Toda noção de história que autor retoma em seus escritos deixa aberta à interpretação da história. Pois, a narrativa em Benjamin está ligada à reminiscência, ou seja, à capacidade de identificar traços do passado no presente através da memória que cuida dos elos com a tradição. A rememoração narra o fato como aconteceu, traduzindo-se em uma contextualização histórica.

Porém, hoje somos reféns do tempo, temos que estar a todo tempo nos atualizando, nos moldando aos anseios do mundo atual e neste sentido destacamos o quarto ponto ressaltado por Larrosa que é o processo de experiência cada vez mais rara pelo “excesso de trabalho”.

O sujeito moderno, além de ser um sujeito informado que opina, além de estar permanentemente agitado e em movimento, é um ser que trabalha, quer dizer, que pretende conformar o mundo, tanto o mundo “natural” quanto o mundo “social” e “humano”, tanto a “natureza externa” quanto a “natureza interna”, segundo seu saber, seu poder e sua vontade (LARROSA, 2017, p. 24).

Este mundo o qual devemos nos conformar, nos adaptar e nos moldar por meio do trabalho mecanizado, por meio de produção que gera competição e por que não dizer “alienação”. Como destaca Schlesener (2001) esta alienação se apresenta como uma atrofia da experiência, a qual caracteriza a vida do indivíduo na modernidade.

A antiga coordenação da alma, do olhar e da mão na narração deixou de existir. Ela foi transformada em descrição dos fatos. A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo, interagindo, eles definem uma prática. Essa prática deixou de nos ser familiar, o papel da mão no trabalho produtivo tornou-se mais modesto, e o lugar que ela ocupava durante a narração está agora vazio. Pois, como Benjamin identifica, a narração em seu aspecto sensível, não é de modo algum produto exclusivo da voz; ela envolve o gesto, a sensibilidade, os afetos. “[...] Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, apreendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito” (BENJAMIN, 1985, p. 221).

# NOTAS SOBRE O DECLÍNIO DA NARRATIVA A PARTIR DE BENJAMIN E LARROSA

---

Sobre essa forma de narrar os acontecimentos, o autor recorre a Leskov como um narrador artesanal, por considerar que durante muito tempo a narrativa floresceu no meio artesão – no campo, no mar e na cidade – ela própria é, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação.

O próprio Leskov considerava essa arte artesanal – a narrativa – como um ofício manual. “A literatura”, diz ele em uma carta, “não é para mim uma arte, mas um trabalho manual.” Não admira que ele tenha se sentido ligado ao trabalho manual e estranho à técnica industrial (BENJAMIN, 1985, p. 206).

Essa observação permite identificar a relação entre a narrativa e o trabalho manual, ou seja, trabalho artesão e, a imprensa ao trabalho fabril. No qual a experiência e os sentidos sensoriais do trabalhador foram transformados pelo modo de produção.

Retomando o texto *Experiência e pobreza*, Benjamim observa o reflexo da divisão do trabalho a partir da influência da técnica que resulta na desvalorização da experiência coletiva e dos vínculos entre as gerações. Neste contexto, a sociedade voltada para a produção de bens e ao consumo, transforma seus valores que, de humanos, passam a ser comerciais; altera-se a própria subjetividade, definida não mais pelo ser, mas pelo ter e as narrativas individuais perdem valor e espaço, constituindo um risco à memória. O antigo, resgatado com novo sentido, agora alimenta a moda.

A angustiante riqueza de ideias que se difundiu entre, ou melhor, sobre as pessoas, com a renovação da astrologia e da ioga, da Christian Science e da quiromancia, do vegetarianismo e da gnose, da escolástica e do espiritualismo, é o reverso dessa miséria. Porque não é uma renovação autêntica que está em jogo, e sim uma galvanização. (BENJAMIM, 1985, pag. 115)

A pobreza de experiência ressalta a mudança estrutural da sociedade e a escassez da narrativa, que segundo Larrosa é “incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (LARROSA, 2017, p. 26).

Se as narrativas deram lugar às informações, isso se deve às transformações ocorridas no

## NOTAS SOBRE O DECLÍNIO DA NARRATIVA A PARTIR DE BENJAMIN E LARROSA

---

movimento da história, na perda da experiência histórica, que significa perda dos elos com a comunidade. Por trás das reflexões de Benjamin e Larrosa, a perda de identidade do sujeito moderno, é resultado da perda dos laços com a tradição e com as gerações passadas. O que nos leva a crer que apesar de estarmos submersos em um mundo repleto de informações proporcionadas pela inserção de novas tecnologias, a pobreza da reflexão e da experiência se fazem presentes.

Neste processo de toda e qualquer forma de informação e relativizando os quatro pontos destacados, que geram a falta e a ausência de experiência, Larrosa nos faz refletir que devemos parar por um instante neste mundo tão cheio de informações e indagações para olhar ao nosso redor e ver outras possibilidades, pois “por não podermos parar, nada nos acontece” (LARROSA, 2017, p.24). E neste sentido:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2017, p. 25).

A experiência frente ao sujeito não é definida “por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (LARROSA, 2017, p. 25).

Consideramos a educação como possibilidade de reversão da perda de experiência, pois é na formação do sujeito em que devemos nos espelhar com receptividade, disponibilidade e abertura. Ainda segundo Larrosa:

[...] a educação sempre tem a ver com uma vida que está mais além de nossa própria vida, com um tempo que está mais além de nosso próprio tempo, com um mundo que está mais além de nosso próprio mundo... e como não gostamos desta vida, nem deste tempo, nem deste mundo, queríamos que os novos, os que vêm à vida, o tempo e o

# NOTAS SOBRE O DECLÍNIO DA NARRATIVA A PARTIR DE BENJAMIN E LARROSA

---

mundo, os que viverão uma vida que não será a nossa e em um tempo que não será o nosso e em um mundo, que não será o nosso, porem uma vida, um tempo e um mundo que, de alguma maneira, nós lhe damos... queríamos que os novos pudessem viver uma vida digna, um tempo digno, um mundo em que não dê vergonha de viver (LARROSA, 2017, p. 37).

Neste sentido, enquanto educadores, temos um compromisso com as gerações futuras, propiciar uma educação da experiência, da vivência, do sentido, instigando nossos estudantes à pesquisa, à reflexão, à formação humana, pela arte, pela literatura, pela narrativa, pela experiência que vislumbra se lançar ao desconhecido, a ação, a reflexão, a criticidade e a interpretação. Sem esquecer os desafios da sociedade na qual estamos inseridos, no anseio de um mundo mais justo e igualitário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos levantar alguns pontos que evidenciam a falta de interpretação sobre os acontecimentos do nosso tempo pela enxurrada de informações que nos chegam a todo o momento e pela perda da experiência e sentido discutidos aqui pelos referidos autores. Informações estas que moldam nosso pensamento e opinião descontextualizada sobre os fatos. O pensamento pós-moderno, em suas várias vertentes, relativizou a verdade e a transferiu para a opinião do sujeito. A verdade relativizada se concentra no discurso enquanto os fatos, a empiria a ser explicada, fica em segundo plano. Diante disso, consideramos a educação como possibilidade de reversão dessas condições, para tal os limites deste texto suscitam novas discussões sobre o processo educativo nesta perspectiva. Somente o pensamento crítico pode desconstruir os discursos mostrando que a verdade é histórica. Isso só pode ser alcançado por meio da educação.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1985.

## **NOTAS SOBRE O DECLÍNIO DA NARRATIVA A PARTIR DE BENJAMIN E LARROSA**

---

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SCHLESENER, Anita Helena. Os tempos da história: leituras de Walter Benjamin – Brasília: Liber Livro, 2011.

# **NOTAS SOBRE O DECLÍNIO DA NARRATIVA A PARTIR DE BENJAMIN E LARROSA**

---

## **NOTES ON THE DECLINE OF NARRATIVE ACCORDING TO BENJAMIN AND LARROSA**

### **ABSTRACT**

Discussions on the structural changes in communication in current society based on Walter Benjamin's and Jorge Larrosa's theoretical contributions are provided. The two authors reflect on the decline and unforeseenness of experience due to scarcity of narratives, according to Benjamin, or due to the constant and fast transformation of the social media and to contemporary society's lifestyle, according to Larrosa. The above issues indicate education as the possibility of the reversion of the loss of experience, meaning and critical interpretation by the media's information.

### **Keywords**

Narrative; Communication; Experience; Education.